

HELENA CHAGAS



de Brasília

Salada azeda

• Tem gente que pensa que eleitor é bobo. Mas a sabedoria popular às vezes surpreende e dá suas lições. Habitados à salada mista do atual quadro partidário e eleitoral, os políticos seguem fechando as alianças mais estapafúrdias, confiando na falta de memória do eleitorado em relação a divergências de ideologia, postura política e história de vida pregressa. Às vezes é PCdoB com PFL, outras PPB com PDT, e assim vai.

Só que nem sempre isso pega bem. Este início de campanha vem mostrando que, nas eleições de outubro, a soma de um mais um pode não ser dois e acabar em zero.

No Mato Grosso, por exemplo, um acordo entre dois antigos adversários ferrenhos, os senadores Júlio Campos, do PFL, e Carlos Bezerra, do PMDB, vem deixando o eleitor com a pulga atrás da orelha. De um dia para outro, os dois candidatos ao Governo do estado, que viviam entre acusações, passaram a andar de braços dados.

O curioso, porém, é que os 42% do candidato Júlio Campos não se somaram aos 19% de Carlos Bezerra, que desistiu da candidatura e passou a ser candidato ao Senado na chapa do ex-opositor. A conta acabou em subtração. Passaram a ter, juntos, 39% das preferências nas pesquisas. Nesse período, seu principal adversário, o governador Dante de Oliveira (PSDB), candidato à reeleição, que até então estava no patamar dos 20%, subiu para 31%. Alguém não entendeu bem a tal aliança.

No Amazonas houve caso semelhante. Depois de fazer sua carreira política ao lado do governador Amazonino Mendes (PFL), candidato à reeleição, o ex-secretário de Obras Eduardo Braga rompeu com o criador e lançou-se candidato pelo pequeníssimo PSL. Enquanto os partidos aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso apóiam Amazonino, Braga coligou-se com o PSB de Serafim Fernandes, que desistiu da candidatura a governador, e com o PT local.

Não se sabe até agora onde foram parar os 13% de Serafim, já que depois da coligação Braga continuou com os mesmos 26% que já tinha.

Em nome da reeleição de Fernando Henrique Cardoso, o Amazonas está presenciando uma outra aliança inusitada, a do PFL de Amazonino com o PSDB do deputado Arthur Virgílio. Até pouco tempo atrás os dois eram arquiinimigos, mas engoliram as mágoas para formar um palanque único para FH no estado. Virgílio, porém, guardou certo pudor. Aceita que seu partido não tenha candidato, não vai atirar no governador durante a campanha, mas também não subirá em seu palanque.

— Eu não tenho dificuldades de explicar minha posição, pois não estarei ao lado dele em nenhum palanque. Eu faço minha campanha, não peço voto para governador — conta o deputado.

Arthur Virgílio aproveita para criticar o apoio do PT a Eduardo Braga.

— Esse pessoal do PT acha que pode purificar um candidato com seu apoio. Mas acabam se contaminando.

Alianças mal explicadas não são monopólio da direita nem da esquerda. Na salada partidária que vem predominando nos últimos anos, pode-se encontrar de tudo, menos coerência.

Relator dos projetos da reforma política que ficaram emperrados no Congresso este ano, o senador Sérgio Machado (PSDB-CE) fez um levantamento das coligações estaduais e encontrou alianças do socialista PSB com o liberal PFL em quatro estados (PR, RN, RR e TO), do PCdoB com o PFL em dois (MA e RR) e do PDT com os pefelistas em mais dois (PB, TO).

O PPB de Paulo Maluf e o PDT de Leonel Brizola estão no mesmo palanque em quatro estados, enquanto os malufistas estão unidos aos socialistas em mais dois (MA, PR). O PT tem alianças com o PMDB e o PTB. E o PPS de Ciro Gomes e Roberto Freire é aliado do PPB de Maluf em nada menos do que sete estados (AM, CE, MA, PB, PR, RN e SE).

— Todo mundo quer se eleger, e o que move as alianças é o sentimento regional. Só que isso acaba tendo reflexos nacionais — diz o senador.

Fernando Henrique e Lula sabem disso, pois vêm tendo trabalho para organizar suas campanhas nos estados em meio a essa sopa de letrinhas. Os políticos reclamam, o eleitor às vezes nem presta atenção ao partido em que está votando — hoje em dia, vota-se no candidato independentemente de legenda. A cada eleição, o quadro se repete.

Muito já se falou na necessidade de reforma política e de reformulação do pulverizado quadro partidário atual. Por estranho que pareça, é unânime hoje entre políticos das mais diversas tendências a pregação em defesa do restabelecimento da fidelidade partidária — abolido da Constituição de 1988 como entulho autoritário dos governos militares. A execrada fidelidade, que serviu um dia de argumento para amedrontar os deputados que queriam votar em Tancredo Neves no colégio eleitoral, é hoje a solução para fortalecer e dar coerência aos partidos.

Mas, se a reforma tarda, comecem a aparecer, aqui e ali, sinais de que, desta vez, o eleitor pode não falhar.